

Que podem corpos, gêneros e sexualidades nas pesquisas com formação de professores?

What can bodies, genders and sexualities do in formation of teacher's research?

Evanilson Gurgel

Universidade Federal da Bahia

evan.gurgel@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2018-767X>

Marlécio Maknamara

Universidade Federal da Bahia

maknamara@ufba.br

<https://orcid.org/0000-0003-0424-5657>

RESUMO

O artigo em tela se inspira na relevância das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades para a formação de professores e professoras. Tem como objetivo evidenciar a interseção dessas temáticas a nível de pós-graduação através do levantamento bibliográfico de um conjunto de textos apresentados nas reuniões anuais da ANPED, compreendendo o período entre 1994 a 2015. As 33 produções que de alguma forma conectam essas temáticas foram identificadas e interpretadas através de elementos da análise de conteúdo. A partir de um referencial teórico pós-estruturalista, os trabalhos oriundos desse levantamento bibliográfico assumem a imagem de *personagens-texto* de uma obra que evoca a trinca corpos-gêneros-sexualidades na formação docente. Os resultados são apresentados evidenciando o que tem sido dito, não dito e o que ainda há por dizer sobre as temáticas na formação de professores e professoras a partir dessas *personagens-texto*. Destaca-se a presença expressiva de trabalhos relacionados à área da Pedagogia — contrapondo as frequentes afirmações de que a área de Ciências concentra a totalidade dessas discussões —, bem como a revelação de vinculações isoladas da formação docente com cada um dos três eixos que compõem a trinca corpos-gêneros-sexualidades. Conclui-se que nenhum dos trabalhos mapeados dialogaram concomitantemente com as três temáticas em conjunto e a formação de professores e professoras, representando uma lacuna em termos heurísticos e formativos.

Palavras-chave: Formação de professores. Corpos. Gêneros. Sexualidades.

ABSTRACT

The present article is based on the relevance of the themes of bodies, genders and sexualities for the formation of teachers. It aims to highlight the intersection of these themes at the postgraduate level through the bibliographical survey of a set of texts presented at the

annual meetings of ANPED, comprising the period between 1994 and 2015. The 33 productions that somehow connect these themes were identified and interpreted through elements of content analysis. From a post-structuralist theoretical reference, the works from this bibliographic survey assume the image of characters-text of a movie that evokes the triplet bodies-genders-sexualities in formation of teachers. The results are presented evidencing what has been said, not said and what there is yet to say about the themes in the formation of teachers from these characters-text. It is worth noting the significant presence of works related to the area of Pedagogy, contrasting the frequent statements that the area of Sciences concentrates the totality of these discussions, as well as the revelation of isolated links of teacher formation with each of the three axes that make up the triplet bodies-genders-sexualities. It is concluded that none of the mapped works interacted with the three themes together and the training of teachers, representing a gap in heuristic and formative terms.

Keywords: *Formation of teachers. Bodies. Genders. Sexualities.*

Introdução

“Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível” (FOUCAULT, 2014, p. 5).¹ É difícil imaginar alguém, tanto quanto Foucault, que tenha conseguido ser levado nesse “bem além de todo começo possível” das palavras. De maneira perspicaz, o filósofo nos apresenta uma noção construcionista de discurso, na qual as coisas não preexistem às palavras, mas, pelo contrário, os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2005, p. 55). Munido disso, Foucault nos põe a refletir sobre a nossa própria existência: afinal, quem somos nós, já que são os discursos que nos produziram e continuam a nos produzir infundavelmente? Entender e refletir como os discursos nos produzem é pensar, também, no “e se?": a possibilidade de transformação, a mudança disso que chamamos de “eu” no tempo presente. Compreender como o sujeito foi construído historicamente é refletir sobre as nossas subjetividades e a constituição das posições de sujeito na atualidade.

Foucault nos propicia ancorar nesse referencial para compreendermos os ditos e não-ditos no *corpus* das personagens que seguirão surgindo em tela. Se existe mesmo algo “tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente” (FOUCAULT, 2014, p. 8), é provável que existam interdições, exclusões e segregações. É possível que haja professoras e professores tolhidas/os em seu exercício docente a falar sobre os corpos que caminham nas escolas, os gêneros que são

¹ Palavras de Michel Foucault ao início de sua aula inaugural no *Collège de France* em 1970. O referido curso do filósofo francês transubstanciou-se em uma de suas mais importantes obras, *A ordem do discurso*.

performados, as sexualidades que são pretensiosamente neutralizadas. E, sobretudo, no que diz respeito à trinca corpos-gêneros-sexualidades, é provável que existam muito mais *não-ditos* do que *ditos* nos currículos de formação de professores. Mas Foucault não dá nenhum *spoiler*², preferindo deixar que nos sentemos confortavelmente em nossas poltronas e nos inebriemos com as personagens tão cativantes, engenhosas e eloquentes dessa obra.

Tomamos como objeto nesse levantamento bibliográfico um conjunto de textos (pôsteres e comunicações orais) apresentados nas reuniões anuais da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) durante o período de 1994 a 2015 (17^a reunião à 37^a reunião) e disponibilizados no site da Associação. A escolha pelo universo de textos apresentados nas reuniões da ANPED se deu pela íntima relação dessa Associação com o “[...] desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social”³. Além disso, partimos da necessidade de observar como se encontram as pesquisas sobre formação de professores e professoras no que diz respeito aos corpos, gêneros e sexualidades no nível de pós-graduação *stricto sensu* em nosso país. O objetivo, portanto, foi o de vislumbrar o que tem sido dito, não dito e o que ainda há por se dizer na formação de professores relativamente à trinca corpos-gêneros-sexualidades. Além disso, também objetivamos visualizar se as frequentes afirmações de que a área de Ciências concentra a totalidade dessas discussões é condizente com o material empírico aqui investigado.

Dando seguimento, em *Créditos Iniciais* apresentamos o nosso referencial teórico e nos inquietamos pela relação demandada entre as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades e mobilizamos uma articulação desses campos com a formação docente. Em *Jogos de Cena*, descobrimos numa espécie de *making off* como ocorreu o processo de mapeamento dos trabalhos no levantamento bibliográfico realizado e o processo de *casting* que compõe o elenco dessa obra. Por sua vez, em *Luz, Câmera, Form(Ação)!*, experimentamos um percurso fílmico no qual os trabalhos mapeados incorporam a noção de *personagens-texto* e travam embates teóricos e diálogos ora plurais, ora dissonantes sobre as conexões estabelecidas entre a trinca corpos-gêneros-sexualidades e a formação de professores e professoras. Por fim, encerramos o artigo em *Cenas Pós-Créditos*, traçando algumas possibilidades para futuras pesquisas na área de formação docente.

² *Spoiler* é o termo utilizado para sinalizar a ação de revelar aspectos importantes do enredo de alguma obra antes de alguém a consumir, privando o indivíduo de possíveis surpresas.

³ Trecho extraído do site da associação: <http://www.anped.org.br/sobre-anped>. Acesso em 06. jan. 2018.

Créditos Iniciais

É com flechas nos penetrando, dessas que “[...] não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras” (DELEUZE, 1996, p. 85) que nos encontramos quando da análise do material que obtivemos em nosso levantamento bibliográfico. Há *insights* surgindo, conectando os ditos de Foucault com os ditos dos textos que aqui evocamos, já que o corpo, por exemplo, aparece geralmente relacionado às “[...] leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história” (FOUCAULT, 2017a, p. 72). Isso porque o corpo “[...] é objeto e alvo do poder” (RIBEIRO, 2013, p. 15); “[...] histórica e culturalmente produzido” (SOUZA, 2013, p. 17); “[...] superfície de inscrição das marcas de seu tempo” (SANTOS, 2000, p. 205) e “[...] constituídos *na e pela* linguagem, que, ao nomear e supostamente descrever esses corpos, interpela-os, atuando no processo constitutivo das identidades” (QUADRADO, 2013, p. 23, grifos nossos). Podemos ouvir os ditos de Foucault mesmo quando a sua imagem não é evocada, quando outras personagens tratam de reiterar a noção de corpo que o filósofo apresenta quando afirma que o corpo é

[...] formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destruído por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos — alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; *ele cria resistências*” (FOUCAULT, 2017a, p. 72, grifos nossos).

Porém, antes de nos encantarmos com a projeção em tela das personagens-texto oriundas dos trabalhos mapeados nesse levantamento, é preciso pontuar algumas noções sobre o que entendemos por corpo, gênero e sexualidade e suas relações com a formação de professores e professoras. Compreendemos por *corpo* “[...] o *locus* da construção das identidades”, no qual “se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos” (LOURO, 2000, p. 71). São inúmeras as instituições que “[...] afirmam, explicam, dizem como são e como devem ser os corpos, e, para isso, utilizam-se das mais variadas táticas, estratégias e técnicas” (SILVA; CICILLINI, 2010, p. 1). Não fazemos, portanto, vista grossa à escola, pois ela é um dos espaços culturais que invariavelmente produz esses corpos (SOUZA, 2013). Entretanto, sua abordagem mantém uma relação muito problemática com o cotidiano dos seus alunos e alunas, uma vez que se limita a “[...] temas e aspectos da cultura distantes, com as quais os estudantes não t[ê]m contato e não se identificam, deixando de fora os seus interesses, a sua cultura, as suas vivências”

(QUADRADO, 2013, p. 20). Dito isso, embora a escola produza esses corpos, paradoxalmente os corpos parecem “[...] ter ficado de fora da escola” (LOURO, 2000, p. 60).

E um outro elemento da trinca, que tem causado polêmica e caos na atualidade⁴, surge: *Gênero*. Isso porque empreendimentos políticos — a exemplo do slogan “Ideologia de Gênero” e o Projeto de Lei “Escola Sem Partido”⁵ — intentam decalcar o sentido do termo e calcificar o seu significado com ameaça e temor. Mas o que pode o gênero e por que há tanto medo e pavor em torno dessa palavra? Primeiro, precisamos compreender que gênero diz respeito ao “[...] caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (LOURO, 2000, p. 62-63); um termo “[...] central para as construções e classificações de sistemas de diferença” (HARAWAY, 2004, p. 209) e “a estrutura de práticas reflexivas do corpo por meio das quais corpos sexuais são posicionados na história” (CONNELL, 2016, p. 17). Enquanto prática social, o gênero não acontece sem os corpos (CONNELL, 2016). É imprescindível que haja “[...] mãos que fazem, olhos que observam, peles que sentem, cérebros que raciocinam e sofrem. O gênero é corporificado e uma parte central dessa corporificação consiste em encontros sexuais, partos e criação de crianças” (CONNELL, 2016, p. 17). Não há corpos que não sejam generificados, que não estejam intimamente imbricados com essas ideias de papéis adequados e coercitivos a homens e mulheres.

Entendido o que é gênero e como ele é construído, torna-se fácil depreender o porquê dos investimentos políticos que, em tempos de recrudescimento do conservadorismo reacionário, intentam dirimir as discussões dessa temática nos espaços escolares. Embora o medo e o pesar possam transformar essa sequência em algo que nos remeta a um filme de horror, somos lembrados por Deleuze e Guattari (2011, p. 26) que “os grupos e os indivíduos contêm microfascismos sempre à espera de cristalização. [...] O bom e o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada”.

Por fim, mais uma palavra emerge para fechar essa trinca: *sexualidade*. Por ela entendemos a forma como “[...] ‘socialmente’ vivemos nossos prazeres e nossos desejos” (LOURO, 2001, p. 71); envolvendo “[...] fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos” (LOURO, 2007a, p. 210); sendo “[...] forjada culturalmente” (MAKNAMARA, 2011, p. 47); e sendo “[...] uma prática e não uma janela através da qual

⁴ Destaque-se as seguintes reportagens: educacaointegral.org.br/reportagens/projeto-de-lei-preveprisao-de-docente-que-falar-sobre-ideologia-de-genero/; <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/pais-interferem-em-escolas-que-abordam-questao-de-genero-nos-livros-vetam-conteudo-21644988>. Acesso em 06. jan. 2018.

estariamos limitadas a descobrir nossa verdadeira e racional identidade” (BRITZMAN, 2013, p. 106). Assim como não há corpos que não sejam generificados, “[...] a performatividade de gênero não pode ser teorizada separadamente da prática forçosa e reiterativa dos regimes sexuais regulatórios” (BUTLER, 2013, p. 170). Dessa forma, a articulação desses três eixos — a trinca *corpos-gêneros-sexualidades* — na formação de professores e professoras é um modo de inferirmos que, embora cada um deles tenha suas especificidades, é preciso conectá-los. Isso porque os corpos que caminham nos espaços escolares nem são destituídos de posições de sujeitos que invariavelmente atuam em seus corpos, nem são desgenerificados e nem dessexualizados.

Jogos de Cena: Processo de *casting* para compor o elenco

Aos poucos, os textos vão se arregimentando, um a um. De um lado, 400 deles se enfileiram, nos contando que se apresentaram na modalidade de comunicação oral, enquanto outros 159 pôsteres vão se avizinhandos. Todos eles foram apresentados no GT *Formação de Professores* nas reuniões anuais da ANPED. Mais outros vão se somando, dessa vez oriundos do GT *Gênero, Sexualidade e Educação*, tão recente quanto produtivo⁶: esse grupo nos oferece 33 pôsteres e 167 trabalhos de comunicação oral. Ao todo, 759 textos. Como o *verbo* (a palavra) se faz *carne*? Como esses textos se transmutam em *personagens-texto*, se tornam performáticos, adentram em jogos de cena, podem nos ajudar a falar sobre a formação docente exibindo suas potencialidades no tocante aos corpos, gêneros e sexualidades? Para essa feitura, nos valem de uma estratégia de *casting*⁷, para atrair a esse percurso fílmico apenas as personagens-texto que de alguma forma colaborem para o curso dessa nossa pesquisa. Para tanto, nossa busca se deu através de palavras-chave no corpo dos trabalhos — “sexualidade”, “corpo”, “gênero”, “formação”, “formação docente”, “formação inicial” em ambos os GTs (*Formação de Professores/Gênero, Sexualidade e Educação*) — e de uma leitura “flutuante” dos resumos disponíveis e títulos. Ao final, permaneceram ainda sob o forte canhão de luz 33 trabalhos, 33 personagens-texto.

Como diretores de cinema, jogamos uma *luz* sobre o cenário; calibramos a *câmera* de forma a mapear através de nossas lentes aquilo que realmente nos interessa nesse material difuso e extenso; posicionamos nossas personagens e, *voilà: ação!* Ou, melhor

⁵ Sobre esses empreendimentos políticos que visam tornar as discussões de gênero como algo não pertencente aos espaços escolares, ver Paraíso (2016).

⁶ Esse GT foi instituído apenas a partir da 23ª reunião da ANPED, em 2000.

dizendo, *formação!* O ruído da claquete é sinal que os jogos de cena estão a todo o vapor. Aqui e ali vão se amontoando as personagens (os textos selecionados) em cenas subversivas, em diálogos de fazer qualquer espectador (os professores e professoras) fincarem-se na ponta da cadeira tamanha a expectativa do que elas podem falar na próxima cena. Elas travam verdadeiros embates teóricos através de prosas cortantes em vozes dissonantes que surgem em meio a posicionamentos calorosos. Algumas delas gritam, suas vozes guturais arrancam de dentro de si uma pungência, uma urgência, uma necessidade de serem ouvidas em tom de denúncia. Outras são mais tímidas, sussurram, são vozes sibilantes e desconfiadas, quase líricas.

Precisamos dizer que às vezes elas, as personagens-texto, não se dão lá muito bem; são inquietas, nem sempre dialogam umas com as outras, nem sempre concordam entre si, ou quase são alçadas a um antagonismo que nem sempre é bem recebido. São categóricas, e, assim como Norma Desmond de *Crepúsculo dos Deuses*⁸, estão prontas para o seu *close-up* final, apoteótico, glorioso. Mesmo assim, protagonistas ou antagonistas, em quase todo o tempo de projeção ou em um *cameo*⁹, elas têm sempre uma função nas tramas dessa pesquisa, em menor ou maior escala. Estão lá, persistentes e obstinadas.

Luz, Câmera, Form(Ação)!

O cândido resplandece no grande telão. Os espectadores veem “tudo branco, uma espécie de brancura leitosa, espessa, que se lhe agarra aos olhos” (SARAMAGO, 1995, p. 28). Estariam cegos? Pelo contrário! Agora que eles e elas começam a enxergar, cientes do que se pode entender por corpos, gêneros e sexualidades. “*Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara*”, já havia lhes alertado Saramago na abertura de seu *Ensaio sobre a Cegueira* (1995). Agora, cegos da ignorância e videntes dos possíveis, passam a vislumbrar todos os encantos dessas personagens-texto que, ao falarem sobre os elementos dessa intrincada rede de pesquisas com corpos, gêneros e sexualidades, abrem-se às possibilidades com a formação docente e com a vida. Não há como não falar da vida, pois ao invocarmos o currículo para o centro de nossas atenções quando tratamos de formação docente,

⁷ Processo de seleção de profissionais para compor o elenco de uma determinada obra.

⁸ *Crepúsculo dos Deuses* (*Sunset Boulevard*) é um filme norte-americano de 1950, dirigido por Billy Wilder e do gênero drama *noir*.

⁹ Numa obra audiovisual, entende-se por *cameo* uma breve aparição de uma personagem, interpretado por artista conhecido, geralmente num papel sem nome ou aparecendo como si mesmo.

observamos que esse artefato “está implicado naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos” (SILVA, 2010, p. 27).

Algumas questões vão surgindo, conclamando respostas pelas personagens-texto. Que voz é requerida a falar sobre qualquer aspecto que envolva os corpos, os gêneros e as sexualidades nas escolas? A quem é legitimado o poder de falar livremente sobre essas temáticas sem ser interdito em sua ação docente? Tememos dizer que hoje são poucos os que podem assumir com propriedade o posto de fidedigno detentor dessa voz já que, por um lado, inúmeras são as instâncias que não cansam de tentar silenciá-las e, por outro, embora seja cada vez mais ressonante, essa voz também é extremamente difusa e capilar. Isso porque a chamada “educação sexual”, lugar ao qual as discussões que ensejam qualquer uma das partes que compõem a trinca corpos-gêneros-sexualidades foram historicamente relegadas, não é exatamente uma disciplina obrigatória. É, na verdade, “[...] uma temática a ser transversalizada nos diversos conteúdos” (FURLANI, 2007, p. 272) das disciplinas que compõem a grade curricular escolar.

A transversalidade das questões ligadas à sexualidade (menosprezando as potencialidades engendradas pelas discussões de *corpos e gêneros*) é reforçada pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), apontando que ela pode ser trabalhada por qualquer professor ou professora de qualquer disciplina da grade curricular escolar e a qualquer momento que eles e elas assim preferirem. Entretanto, não é preciso muito para perceber que corriqueiramente é atribuído “[...] ao (a) professor (a) de biologia que tem como tarefa formular as respostas, ou ainda, avaliar a resposta dada pela televisão, pela mídia, etc.” (SILVA; CICILLINI, 2010, p. 3). Antes de procurarmos entender o porquê dessa relação tão amalgamada que subtrai as demais disciplinas, precisamos fazer algumas pontuações: atribuir apenas à Biologia (que aqui surge não como um campo do conhecimento, mas como a disciplina do currículo escolar) não seria uma forma de “selecionar” os participantes de possibilidades de interações entre corpos-gêneros-sexualidades no espaço escolar? Ora, a Biologia enquanto disciplina diz respeito estritamente aos alunos do ensino médio. E quanto ao ensino fundamental? As crianças e os pré-adolescentes não teriam dúvidas, desejos, aspirações? Não possuem corpos, estes não são sexuados, não são alvos de vigilância, controle, interdições? Não são esses sujeitos “[...] importantes veiculador[e]s do poder normativo do gênero, que divulga saberes e regula a produção dos corpos”? (REIS; PARAÍSO, 2014, p. 245).

É por entendermos que é justamente “na formação inadequada do professor que reside grande parte das dificuldades da educação” (MOTA, 1999, p. 124) que passamos a

ouvir atentamente as personagens-texto que emergem do levantamento bibliográfico realizado. O que elas falam quando mobilizam a trinca corpos-gêneros-sexualidades? No que elas silenciam? E se silenciam, por que o fazem? O que ainda há por se dizer?

Não se trata de dúvidas retóricas, meros questionamentos ataviados para embelezar pesquisas. São questões de vida ou de morte! Porque há muita vida nos interstícios de um currículo, porque é da vida que tratamos ao conectar essa trinca, e porque entrelaçar corpos, gêneros e sexualidades “implica um modo de vida, uma maneira de viver” (DELEUZE, 2002, p. 127). Mas é preciso fazer a vida brotar nos territórios curriculares, germinar aos múltiplos, investir nossas práticas de ensino por rizoma, pois é por rizoma “que o desejo se move” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 32). Abrir-se à vida, às linhas de multiplicação e fuga, maquinar corpos, gêneros e sexualidades em sala de aula, experimentar com o currículo e o transpassar em “novos agenciamentos, sem procurar conformá-lo a uma definição prévia” (GAUTHIER, 2002, p. 143). Tudo para impedir que haja morte no currículo, que “um rizoma seja fechado, arborificado”, pois, se assim o fizer, “do desejo nada mais passa” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 32).

São inúmeros os questionamentos que saltam dessas articulações caóticas e produtivas. Para chegar às respostas, contudo, é preciso “rachar os extratos, rachar os currículos existentes em seu meio para ver a diferença fazer seu trabalho. [...] abalar os extratos dos currículos já formados e fazer o currículo movimentar-se” (PARAÍSO, 2005, p. 3). As personagens-texto nos concederiam essa dança?

Após selecionado o *cast* e diante dos primeiros diálogos entre as personagens-texto com elas mesmas e com as demais, levantamos um questionamento lançado a partir do nosso roteiro na expectativa que elas pudessem nos elucidar algumas incertezas. “*De onde vocês vêm?*”, questionamos de antemão para que as respostas dadas a essa pergunta pudessem suscitar outras interrogações

QUANTO À ÁREA DE FORMAÇÃO INICIAL “De onde você vem?”	
Pedagogia	18
Educação Física	3
Ciências (Biologia/Ciências/Física)	4
Artes	1
Dois ou mais áreas disciplinares	2
Não especificado/sem recorte	5
TOTAL	33

Tabela 1: Categoria dos trabalhos selecionados apresentados nos GT 08 e GT 23 da ANPED quanto à formação inicial.

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 33 trabalhos, 18 deles são oriundos da Pedagogia (BUENO et. al., 1994; ASSUNÇÃO, 1995; AZAMBUJA; OLIVEIRA, 2000; XAVIER, 2001; SABAT, 2005; CONTI, 2006; BARLETTO, 2007; CARDOSO, 2007; SOUSA, 2009; ARAÚJO, 2010; FARIA; SOUZA, 2010; CASTRO; FERRARI, 2011; FERREIRA, 2012; MONTEIRO; ALTMANN, 2013; CASTRO, 2013; FERREIRA, 2013; CASTRO, 2015; SOUZA, 2015). No que concerne a temáticas que incidem principalmente sobre as sexualidades, são frequentes as afirmações de que a área de Ciências concentra a totalidade dessa discussão. Parreira e Silva (2015), por exemplo, evidenciam que esse assunto é visto no espaço escolar como “[...] incômodo e perigoso”, sobre o qual “não se deve pronunciar a não ser em situações e locais muito específicos, dentre estes a sala de aula de Ciências e Biologia” (PARREIRA; SILVA, 2015, p. 3). Porém, contrariando tanto expectativas de senso comum quanto aquelas por vezes reiteradas pela própria literatura acadêmica sobre o fato dessa área ser prodigiosa nas discussões dessa trinca, no que se refere à produção apresentada na ANPED, poucos foram os trabalhos mapeados que versavam sobre o campo de Ciências, tendo apenas 4 representantes (SILVA, 2007; SILVA; CICILLINI, 2011; PARREIRA; SILVA, 2015; PINTO; AMORIM, 2015). Essa pouca representatividade dos trabalhos mapeados evidencia que apesar dos frequentes relatos, tanto na literatura como nos discursos de professoras e professores, essa discussão não é privilégio da área de Ciências e que ela não pode ser mais compreendida como a única e exclusiva “voz autorizada a falar de sexualidade por meio de documentos oficiais” (PARREIRA; SILVA, 2015, p. 7). Desses quatro, apenas o de Silva (2007) tem algo a nos falar especificamente sobre a formação de professores de Ciências, discutindo e analisando a sexualidade como uma marca nas “[...] relações pessoais e como ela interfere na formação de professores” (SILVA, 2007, p. 1). Tal trabalho utilizou as narrativas de professores com formação na área de Ciências justamente por constatar “[...] que são esses os [...] mais cobrados e/ou procurados pelos alunos e também pelos próprios colegas” (SILVA, 2007, p. 2).

Os demais personagens-texto que confabulam acerca da área de Ciências estão associadas especificamente com correlações dessa área, como a Física, a exemplo do trabalho de Pinto e Amorim (2015). Ao discutirem gênero e educação superior a partir de experiências acadêmicas de alunas do curso de Física, as autoras mostram que as “mulheres geralmente enfrentam grandes dificuldades de cunho sexista durante a formação acadêmica em cursos masculinizados” (PINTO; AMORIM, 2015, p. 6-7), embora não ofereçam um aporte teórico sobre a formação inicial nessa licenciatura. Os outros dois

personagens-texto tematizam a formação de Biologia, no qual o trabalho de Silva e Cicillini (2011) investiga as noções de corpos veiculados tanto por textos curriculares quanto por professores e professoras, alunos e alunas no espaço da disciplina Biologia, discutindo como o “corpo por vezes desliza e escapa da prática e formação docente” (SILVA; CICILLINI, 2011, p. 1). Além disso, entendendo que esses corpos não são dessexualizados, as autoras relacionam essas duas temáticas com o objetivo de pôr em discussão o corpo “biomedicalizado, disciplinado e controlado” (SILVA; CICILLINI, 2011, p. 4) pela Biologia e constatam que “há um saber sobre o sexo e a sexualidade veiculado pela ciência” (SILVA; CICILLINI, 2011, p. 6), saber esse que não se dissocia de uma verdade divulgada pela disciplina.

Parreira e Silva (2015) também pedem passagem e nos apresentam os discursos sobre a sexualidade evocados pelos participantes do PIBID Biologia. As autoras subvertem a noção arcaica e biomedicalizada de *educação sexual* — concepção em que a sexualidade é entendida como algo que haveria de ser educada, higienizada, disciplinada — em uma proposta de *educação para a sexualidade*. Tal proposta reflete

sobre os discursos naturalizados e sacralizados culturalmente, relativizando-os, pondo-os sob suspeita e vigilância, provocando a dúvida de algumas certezas, permitindo-se novas formas de pensar e com isso estimular questionamentos sobre como nos construímos em relação de saber e poder (XAVIER FILHA, 2009, p. 97).

A personagem-texto de Parreira e Silva (2015) não intenciona falar apenas *com* e *para* os professores de Biologia, conseguindo ampliar sua voz no intuito de também ser ouvida pelos professores de Ciências¹⁰. Podemos dizer que, ao contrário das demais, Parreira e Silva não têm uma resposta única para a pergunta que fazemos para cada personagem-texto. “*De onde você vem?*”, questionamos logo de início, no intuito de descobrir a sua formação inicial. Prontamente as autoras nos respondem que são oriundas da Biologia. Porém, ao criticar o processo de formação de professores/as, elas nos mostram que a sala de aula de Ciências é apenas um dentre os vários lugares onde a sexualidade pode ser evocada no espaço escolar. Além disso, questionam a ausência de “possibilidades formativas que ultrapassem a visão biomédica, de matriz heterossexual” (PARREIRA; SILVA, 2015, p. 4) na formação docente desses e dessas profissionais.

¹⁰ Quanto à distinção entre as disciplinas *Ciências* e *Biologia*, concordamos com Carvalho, Medeiros e Maknamara (2016, p. 632) quando eles apontam que a disciplina de Ciências “tem sido submetida a objetivos, conhecimentos, valores e práticas distintos daqueles da disciplina de Biologia”.

Percebemos, por fim, a ausência de algum personagem-texto que pudesse dialogar sobre os processos formativos dos professores de Química e suas conexões com os corpos-gêneros-sexualidades. Não mapeamos nenhum trabalho veiculado ao curso de licenciatura em Química ou com profissionais que fossem formados nessa área e que discutissem numa perspectiva da formação de Ciências. Isso torna-se preocupante se refletirmos quanto às lacunas nas práticas docentes desses sujeitos quando eles, futuramente, passarem a atuar na disciplina de Ciências, bem como os efeitos do fato da trinca corpos-gêneros-sexualidades estar tão às margens das preocupações curriculares dos cursos de formação inicial em Química.

Outras personagens-texto nos convidam a mobilizar o pensamento quanto às ligas entre essa trinca em outras áreas. Silva (2013) é a primeira a falar, trazendo suas experiências na Educação Física e relacionando a diversidade cultural com a formação de professores e professoras dessa área, a qual é “marcada pelo predomínio das disciplinas biomédicas e esportivas, evidenciando valores hegemônicos” (SILVA, 2013, p. 1). Para essa intérprete, a formação inicial é “um momento crucial para que os/as futuros/as docentes possam despertar para as questões da diversidade e da diferença” (SILVA, 2013, p. 3).

Entretanto, não se trata de um solilóquio, pois tão logo essa personagem intente tais discussões, Silveira (2010) também vem coadjuvar com os relatos orais de professoras de Educação Física formadas entre 1970 e 1980, discutindo a experiência feminina no espaço da formação docente. Freitas (2004) não se faz de rogada e também pleiteia um espaço para falar: baseando-se em relatos de professores de Educação Física quanto ao futebol feminino e à sua prática no interior de uma escola, essa personagem-texto evidencia o preconceito nos discursos desses profissionais e a ausência da temática em sua formação. Temos, portanto, vozes uníssonas: Silva (2013), Silveira (2010) e Freitas (2004) pontuam a urgência de uma formação inicial que repense essa inaceitável “concepção do corpo feminino como maternal, belo, frágil” (FREITAS, 2004, p. 12), que rompa “com o binarismo homens/mulheres em suas aulas” (SILVEIRA, 2010, p. 7) e que “enxergue o ‘outro’ em todas as suas nuances e construções identitárias”, vivenciando isso não apenas “quando situações de preconceito e discriminação ocorram” (SILVA, 2013, p. 1).

Loponte (2005), por sua vez, nos presenteia com um monólogo. É a única personagem-texto a referir sobre a formação docente em Artes nos mostrando que ela é “[...] bastante precária, e que as relações de gênero estão implicadas na definição do discurso sobre arte e da docência em arte” (LOPONTE, 2005, p. 1). Ela argumenta que

trazer “intervenções feministas” “e algum tipo de tensão para as nossas definições comuns sobre arte e ensino de arte” (LOPONTE, 2005, p. 2) é essencial para a formação docente nessa área, uma vez que, embora a maioria das professoras que atua no ensino de artes seja de mulheres, elas estão ausentes no discurso oficial devido à “[...] hipervisibilidade da mulher como objeto da representação e sua invisibilidade persistente como sujeito criador” (MAYAYO, 2003, p. 21). Nesse aspecto, propõe uma docência artística, “[...] uma outra forma de subjetividade, menos assujeitada, menos presa às relações de saber e poder” (LOPONTE, 2005, p. 3).

Há também personagens-texto que falam de duas ou mais áreas disciplinares. A estas não há contentamento em diálogos fechados, monolíticos, esposando em apenas uma área de formação. Elas escrutinam, por exemplo, as perspectivas dos estudantes de pedagogia em comparativo às demais licenciaturas quanto à divisão sexual do trabalho (VILLA BÔAS; SOUSA; LOMBARDI, 2012). As autoras compreendem que “a formação docente passa também a incorporar [...] as dimensões socialmente construídas sobre determinados modelos de masculino e feminino (VILLA BÔAS; SOUSA; LOMBARDI, 2012, p. 4). Uma outra examina a relação entre gênero e currículo no âmbito da formação inicial de docentes de letras/português e pedagogia (CRUZ; DAL’IGNA, 2015), nos apontando que a formação “[...] é um *locus* onde são desenvolvidas práticas curriculares atravessadas e dimensionadas por gênero” (CRUZ; DAL’IGNA, 2015, p. 3).

A palavra passa a ser franqueada às “personagens sem lar”. São as personagens-texto que não recorrem a nenhum “recorte” de área de formação, sendo categorizadas, para efeitos de levantamento bibliográfico, como “não especificadas” (MOYZÉS; MOTA, 2004; GRANÚZZIO, 2005; LIBÓRIO, 2005; LIBÓRIO; CAMARGO, 2006; DINIZ, 2011). Moyzés e Mota (2004), por exemplo, analisam “[...] a influência dos trabalhos corporais na prática do professor” e questionam “a necessidade de se incluir a questão da corporalidade nos programas de formação” (MOYZÉS; MOTA, 2004, p. 1), pois para tal personagem, os docentes estão demasiadamente “[...] envolvidos com as palavras e tão distanciados das manifestações corporais” (MOYZÉS; MOTA, 2004, p. 4). Granúzzio (2005), preocupada com as escolas como “[...] locais de casos de intolerância que incluem violência física e psicológica” (GRANÚZZIO, 2005, p. 5), aponta para a necessidade dos currículos de formação de professores e professoras tratarem a temática da sexualidade “com mais profundidade e não apenas como um ‘apêndice’ do currículo” (GRANÚZZIO, 2005, p. 15).

Através dos discursos dos profissionais da educação quanto à temática de diversidade e inclusão, Diniz (2011) ressalta que a formação inicial dos cursos de

graduação em geral não tem garantido uma formação docente adequada para os professores e professoras. Segundo essa personagem, “a diversidade presente nas escolas [...] faz emergir um novo conhecimento escolar que passa a exigir múltiplas habilidades do (a) professor (a)” (DINIZ, 2011, p. 1). Por fim, Libório (2005) e Libório e Camargo (2006), tratando de uma temática tão espinhosa quanto urgente, convocam ao compromisso ético e legal das escolas em “notificar às autoridades competentes casos suspeitos ou confirmados de maus tratos, que inclui a violência sexual” (LIBÓRIO; CAMARGO, 2006, p. 1). Sua convocatória exorta uma formação de professores e professoras “[...] fundamentada nos princípios de educação para a cidadania e dos direitos humanos” (LIBÓRIO; CAMARGO, 2006, p. 16) com fins de garantir a proteção das crianças e dos adolescentes.

QUANTO À TEMÁTICA ABORDADA NO TRABALHO	
<i>“Sobre o que você fala?”</i>	
Gênero	14
Sexualidade	5
Corpos	1
Interseção entre temas	13
TOTAL	33

Tabela 2: Categoria dos trabalhos selecionados apresentados nos GT 08 e GT 23 da ANPED quanto à temática abordada.

Fonte: Dados da pesquisa.

Tão plurais quanto os lugares de onde vinham foram os assuntos abordados pelos personagens-texto. *Gênero* foi o assunto mais discutido (BUENO; SOUSA et. al, 1994; ASSUNÇÃO, 1995; AZAMBUJA; OLIVEIRA, 2000; FREITAS, 2004; LOPONTE, 2005; BARLETTO, 2007 FARIA; SOUZA, 2010). Essas personagens dão a ouvir subvozes confabulando em torno da *questão feminina e docência* (BUENO; SOUSA et. al, 1994; ASSUNÇÃO, 1995; BARLETTO, 2007; SOUSA, 2008; ARAÚJO, 2010; FARIA; SOUZA, 2010; VILLAS BÔAS; SOUSA et. al, 2012) ao tratar, por exemplo, as especificidades da condição feminina traduzida nas práticas pedagógicas das professoras (BUENO; SOUSA et. al, 1994). Além disso, discutem como essa prática encontra-se impregnada de um imaginário social quanto ao papel da mulher e suas atribuições numa profissão que tão bem se adequa “aos estereótipos das atividades profissionais que se ajustariam às características femininas” (ASSUNÇÃO, 1995, p. 6). Logo, essa etapa do ensino estaria ampliando “a função feminina fundamental [...] uma atividade de amor, entrega e doação” (LOURO, 2007b, p. 450) com

ares de vocação. Assim, “somada uma inevitabilidade de classe a inevitabilidade de gênero, o resultado obtido é um conjunto de elementos poderosos que acabaram por determinar a opção profissional das professoras” (ASSUNÇÃO, 1995, p. 7).

Por outro lado, há personagens que sentiram necessidade em estudar os processos formativos da docência no espaço infantil (AZAMBUJA; OLIVEIRA, 2000; CARDOSO, 2007; MONTEIRO; ALTMAN, 2013). Como se trata de um universo geralmente atribuído à figura materna e feminina, os homens ainda encontram resistência na sua inserção nessa formação. Para tanto, entender “o modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto” (LOURO, 1997, p. 77) é imprescindível em termos das conexões de estudos de gênero e formação de professores. Esse tipo de conexão possibilitaria operar modos de subversão ao consolidado, como a desconstrução de uma atividade legitimada como feminina, e de acordo com determinados recortes de classe, raça e etnia, a única oportunidade de entrada dessas mulheres no mercado de trabalho. Também levaria a pensar outras estratégias, como a “desnaturalização da noção de educação infantil como profissão do gênero feminino” (MONTEIRO; ALTMAN, 2013, p. 14).

E houve aquelas personagens que denunciam o *sexismo* como forma de confrontar o preconceito sofrido por mulheres que surge independente da fase da vida desses sujeitos. Freitas (2004), por exemplo, levanta cartazes sobre a inserção das meninas em atividades físicas que são comumente relegadas ao masculino, como crianças e adolescentes que praticam futebol feminino nas aulas de Educação Física. No esteio dessa discussão também há espaço para os panfletos distribuídos por Pinto e Amorim (2015), quando as autoras nos convocam a refletir sobre a inserção das mulheres em campos do conhecimento tidos como legitimamente masculinos. O exemplo dado por elas é a graduação em Física, mostrando que essas estudantes “enfrentam grandes dificuldades de cunho sexista durante a formação acadêmica” (PINTO; AMORIM, 2015, p. 6-7).

Corpos e sexualidades foram grupos com menos vozes expressivas, embora igualmente essenciais para nossas discussões. Moyzés e Mota (2004, p. 1) são pontuais em falar sobre o corpo como um registro “da história vivida na trajetória dos indivíduos”, fazendo os professores aparentarem estar “tão envolvidos com as palavras e tão distanciados das manifestações corporais” (MOYZÉS; MOTA, 2004, p. 4). Granúzzio (2005) lida diretamente com as questões referentes à homossexualidade, embora de forma problemática, pois durante quase todo o seu texto utiliza o sufixo “-ismo” para grafar a homossexualidade, além de entendê-la como uma “opção sexual”. Esse tipo de impasse

também ocorre quando a homossexualidade, novamente sob o jugo de uma designação que remete à doença através do sufixo “-ismo”, aparece junto à prostituição como uma tendência para as crianças e adolescentes que sofrem violência sexual (LIBÓRIO; CAMARGO, 2006). Esse tipo de postura intelectual é extremamente perigosa justamente por delimitar a fronteira entre aquilo que é considerado saudável (uma criança ou um adolescente não violentados e, conseqüentemente, heterossexuais) daquilo que é negativo e deve ser evitado (uma criança ou um adolescente violentados e inclinados a uma possível homossexualidade como consequência dessa violência). Tal ideário parte de um pressuposto muito semelhante à noção de “abjeção” que Miskolci (2016) nos apresenta em suas obras, traduzindo-se em “algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador ou nauseante” (MISKOLCI, 2016, p. 43). Além disso, entender a homossexualidade como consequência e a heterossexualidade como norma daqueles que não passam por nenhum tipo de violência nada mais é do que a evocação de heterossexismo, isto é, a “pressuposição de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais” (MISKOLCI, 2016, p. 46).

Entretanto, na perspectiva aqui perseguida, nosso desejo era ouvir não apenas essas vozes que versam sobre um tema ou outro. Queríamos mesmo ouvir as vozes plurais, que arregimentassem o máximo de temáticas possíveis. Não há como arrancar o gênero dos corpos, torná-los dessexualizados, apagar sua cultura, ignorar sua raça, ser indiferente à sua etnia ou não os compreender como inseridos em um sistema de classes. Embora seja difícil englobar tantos aspectos dentro de uma pesquisa — até agora exemplificamos casos em que a formação docente aparecia veiculada ao gênero *ou* ao corpo *ou* à sexualidade — percebemos que, de uma forma ou de outra, elas iam surgindo e dialogando em conjunto.

Algumas personagens-texto são mais ambiciosas. Elas fazem o máximo de conexões possíveis, algumas correlacionando-se com o multiculturalismo (XAVIER, 2001; SABAT, 2005; CONTI, 2006; DINIZ, 2011; SILVA, 2013). Elas mostram que os conflitos étnico-raciais e socioculturais são “resultantes de uma coexistência nem sempre pacífica entre os diferentes grupos existentes nas atuais sociedades multiculturais” (XAVIER, 2001, p. 1), tornando os educadores e educadoras responsáveis pela contestação desse cenário. Para tanto, temos que reconhecer que a diversidade cultural impacta a educação “de forma muito intensa: de um lado, situações de violência e de discriminação racial, de gênero, de condição social, de sexualidade, de diferenças físicas, mentais e tantas outras que ocupam

a cena da cultura escolar e social, muitas vezes traduzidas em exclusão” (DINIZ, 2011, p. 41). Só a partir daí passaremos a entender que “a escola, a universidade e o currículo t[ê]m raça, são generificados e sexualizados” (FERREIRA, 2013, p. 7). Embora nosso objeto de pesquisa seja em torno dos corpos, gêneros e sexualidades, não pudemos excluir as suas profundas interseções com as questões de raça, etnia e classe. Isso porque as discussões em torno da temática de gênero tornam-se verdadeiras portas de entrada que privilegiam “a análise em qualquer contexto, permitindo compreender o leque de diferenciações presentes” (PISCITELLI, 1998, p. 147) e que as complexas construções de masculinidade e feminilidade são “utilizadas como operadores metafóricos para o poder e a diferenciação em diversos aspectos do social” (PISCITELLI, 1998, p. 150). Logo, raça, etnia e classe são categorias intrínsecas às discussões de corpos, gêneros e sexualidades e determinantes para a compreensão de formas diversas de subordinação e opressão. É impossível nos desvincularmos delas, uma vez que o gênero, por exemplo, “não está separado e guardado num armário próprio. Está, sim, embrenhado nas mutantes estruturas de poder e reviravoltas econômicas” (CONNELL, 2016, p. 33).

Outras personagens tematizaram *gênero e sexualidade* (CASTRO; FERRARI, 2011; FERREIRA, 2012; CASTRO, 2013a; FERREIRA, 2013b; CASTRO, 2015b; SOUZA, 2015), sinalizando a carência das discussões dessas questões incorporadas nos currículos de formação inicial das licenciaturas. Silveira (2010), por outro lado, acopla seu *gênero* e seu *corpo* para nos mostrar a Educação Física como um espaço de formação feminina no intuito de romper com a visão hegemônica a respeito das mulheres professoras dessa disciplina. Por fim, uma outra associação possível é a de *corpo* e *sexualidade*, como a que Silva e Cicillini (2010) realizam quando investigam as noções de corpos e os dizeres da sexualidade nos currículos da disciplina de Biologia.

Cenas pós-créditos

Personagens saem de cena e entram novas dúvidas, incertezas, mobilização do pensamento, reflexões, rascunhos do que pode ser feito, do que foi dito, do que não foi dito, do que ainda há por se dizer. O resultado em aproximar as nossas lentes nessas personagens-texto foi tão produtivo quanto inquietante. Ao passo que essas astutas intérpretes mostraram o que conseguem criar em termos de agenciamento no campo da formação docente, também foi possível entrever que nenhuma delas abraçou efetivamente a trinca corpos-gêneros-sexualidades. Tal resultado evidencia a necessidade em contrapor

esse cenário com uma *pesquisa-resistência*, pois Foucault já nos disse em certa ocasião que “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 2017b, p. 104).

E por falar no intrépido filósofo, sua imagem reaparece nestes créditos finais. Não se trata de um *In Memoriam* ou uma homenagem simplória em agradecimento aos contributos poderosos do escritor ao curso dessa empreitada. Fantasiamos o filósofo francês dialogando diretamente com as personagens-texto, como se estivesse em vida. Passamos a delirar montagens de Foucault conversando com as intérpretes, travando prosas engenhosas e contribuindo para a perspectiva da formação de professores/as por meio de *discussões-piche* sobre a educação na atualidade. Piche porque são tão tenazes, coesas, resistentes, suportam às pressões mais irredutíveis, e que se aderem facilmente. Entretanto, como já nos disse a Maria Madalena de José Saramago em sua releitura de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, “ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes” (SARAMAGO, 1991, p. 428). Retornamos aos escritos desse Foucault não-ressurgido e nos envolvemos com suas palavras na expectativa de, assim como ele, também sermos levados bem além de todo começo possível. Quem sabe ao fim de tudo? Deixemos as luzes se apagarem e a sessão (re)começar, mais uma vez, e outra e outra...

Esses recomeços em uma pesquisa têm uma íntima relação com o “prazer de reconhecer que talvez seja preciso passar pelas mesmas percepções, escrever as mesmas anotações nas margens, retornar aos mesmos temas na própria obra, reaprender as mesmas verdades emocionais” (NELSON, 2017, p. 124). As melhores obras são justamente aquelas que não se permitem fechar em si mesmas — pois “num grande filme, como em toda obra de arte, há sempre algo em aberto” (DELEUZE, 2013, p. 77) —, capazes de nos mostrar algo novo mesmo quando revisitadas infindavelmente.

E quanto aos ditos, não ditos, por se dizer? Tememos que é justamente nesses interstícios entre um não-dito e outro sobre corpos-gêneros-sexualidades que devemos nos enveredar, mesmo que para isso seja necessário escoltá-las da formação inicial, uma a uma, até colocá-las em fila indiana e pô-las em uma verdadeira prova de fogo. Afinal, como essa trinca pode não apenas *formar* professores, mas também *deformar*? Ora, “as instituições de ensino, tal qual se erigem atualmente, têm muito para corroborar com uma demasiada formação/formatação” (HENZ, 2009, p. 43), tornando desafio dessas instituições não mais — ou tão somente — formar um professor, mas também “deformar, de abrir espaço na forma/f[ô]rma, de tornar porosa a blindagem a que todos [...] estamos submetidos” (HENZ, 2009, p. 44). A trinca corpos-gêneros-sexualidades torna-se então um instrumento imprescindível, uma dessas “linhas de fuga, saídas, novos espaços de

resistência e invenção” (HENZ, 2009, p. 43), isto é, uma forma de cavoucar em busca de tesouros perdidos na formação inicial. Só com esses tesouros em mãos poderemos lapidá-los para a futura ação docente de professores e professoras engajadas em reinventar os corpos biomedicalizados e dóceis, legitimar a pluralidade de formas de vivenciar os gêneros e reivindicar novos saberes sobre as sexualidades. Entretanto, o receio em fazer essa busca nos traz às vistas a imagem de uma traiçoeira terra de minas na qual há uma ameaça de explosões aos incautos que se arrisquem em fazê-lo. Mas, afinal de contas, quem aí ainda tem medo dos corpos, gêneros e sexualidades?

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Constituir-se professora na Amazônia: história de mulheres mestiças da região de ilhas de Belém. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. XXXIII, 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2010. 14 p. 1 CDROM.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. As determinações de gênero na escolha, formação e práticas docentes das professoras primárias. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XVIII, 1995, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2010, 14 p. 1 CDROM.

AZAMBUJA, Guacira; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Processos de formação de um professor. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXIII, 2000, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2010, 13 p. 1 CDROM.

BARLETTO, Marisa. Formação de pedagogas – memórias e trajetórias. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXX, 2007, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2007, 16 p. 1 CDROM.

BRITZMAN, Deborah P. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 83-111.

BUENO, Belmira Oliveira, et. al. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XVII, 1994, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2007, 20 p. 1 CDROM.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 151-172.

CARDOSO, Frederico Assis. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXX, 2007, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 18 p. 1 CDROM.

CARVALHO, Julyana Cardoso; MEDEIROS, Leandro Gurgel de; MAKNAMARA, Marlécio. Narrativas (auto) biográficas nas pesquisas em ensino de biologia no Brasil. **Revista de**

Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBenBio), Niterói, v. 9. s/n, p. 631-642, 2016.

CASTRO, Roney Polato; FERRARI, Anderson. “Nossa! eu nunca tinha parado pra pensar nisso!” — gênero, sexualidades e formação docente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXIV, 2011, Natal. **Anais...** Natal: ANPED, 16 p. 1 CDROM.

CASTRO, Roney Polato. Escritas-narrativas de estudantes problematizando relações de gênero e sexualidades. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXVI, 2013, Goiânia. **Anais...** Goiânia: ANPED, 15 p. 1 CDROM.

CASTRO, Roney Polato. Formação docente, experiência religiosa e sexualidades: problematizações. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXVII, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPED, 16 p. 1 CDROM.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CONTI, Celso. Visões sociais acerca do magistério. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXIX, 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 16 p. 1 CDROM.

CRUZ, Éderson; DAL’IGNA, Maria Cláudia. Gênero e currículo: uma análise desta (des)articulação na formação inicial de docentes. In: REUNIÃO DA ANPED, XXXVII, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPED, 16 p. 1 CD ROM.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**: cinco textos e uma entrevista de Gilles Deleuze. Lisboa: Estudo Vega/Passagens, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e a filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DINIZ, Margareth. Formação docente para a diversidade e a inclusão. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 14, n. 18, p. 39-55, dez. 2011.

FARIA, Lívia Monique de Castro; SOUZA, Ila Maria Silva de. Reflexões acerca das questões de gênero no curso pedagogia: licenciatura para educação infantil — modalidade a distância. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXIII, 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 6 p. 1 CDROM.

FERREIRA, Taisa de Souza. Modos de ver, sentir e questionar: a presença do gênero e da sexualidade no curso de pedagogia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXVI, 2013, Goiânia. **Anais...** Goiânia: ANPED, 16 p. 1 CDROM.

FERREIRA, Taisa de Souza. Qual lugar do gênero e da sexualidade no curso de pedagogia da UEFS? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXV, 2012, Porto de Galinhas. **Anais...** Porto de Galinhas: ANPED, 6 p. 1 CDROM.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017a, p. 55-87.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz & Terra, 2017b.

FREITAS, Lígia Luís de. Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXVII, 2004, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 14 p. 1 CDROM.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, s/v., n. 46, p. 269-285, dez. 2007.
GAUTHIER, Clermont. Esquizoanálise do currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p.143-155, jul./dez. 2002.

GRANÚZZIO, Patrícia Magri. A questão homossexual e a formação dos professores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXVIII, 2005, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 18 p. 1 CDROM.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, s/v., n. 22, p. 201-246, jan./jun. 2004.

HENZ, Alexandre de Oliveira. Formação de professores. In: AQUINO, Júlio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara. (Orgs.). **Abecedário: educação da diferença**. Campinas: Papirus, 2009. p. 43-44.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Pesquisa diagnóstica sobre violência sexual contra crianças e adolescentes: reflexões sobre a ação do educador. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXVIII, 2005, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 6 p. 1 CDROM.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; CAMARGO, Luciene dos Santos. A violência sexual contra crianças e adolescentes na perspectiva de profissionais da educação das escolas públicas municipais de Presidente Prudente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXIX, 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 17 p. 1 CDROM.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Docência artista: arte, gênero e ético-estética docente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXVIII, 2005, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 16 p. 1 CDROM.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul/dez. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade e gênero na escola. In: SCHMDIT, Saraí (Org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 69-73.

QUE PODEM CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES NAS PESQUISAS...
GURGEL, E.; MAKNAMARA, M.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, s/v., n. 46, p. 201-218, dez. 2007a.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2007b. p. 443-481.

MAKNAMARA, Marlécio. **Currículo, música e gênero: o que ensina o forró eletrônico?** 151f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2011.

MAYAYO, Patricia. **Historias de mujeres, historias del arte**. Madrid: Cátedra, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXVI, 2013, Goiânia. **Anais...** Goiânia: ANPED, 17 p. 1 CDROM.

MOTA, Maria Veranilda Soares. **Princípios Reichianos Fundamentais para a Educação: base para a formação do professor**. 183 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1999.

MOYZÉS, Márcia Helena Ferreira; MOTA, Maria Veranilda Soares. O despertar da consciência corporal do professor. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXVII, 2004, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 13 p. 1 CDROM.

NELSON, Maggie. **Argonautas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença em si no currículo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXVIII, 2005, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 17 p. 1 CDROM.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016.

PARREIRA, Fátima Lúcia Dezopa; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Discursos de bolsistas do programa institucional de bolsa de iniciação à docência sobre sexualidade. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXVII, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPED, 17 p. 1 CDROM.

PINTO, Érica Jaqueline S.; AMORIM, Valquíria Gila de. Gênero e educação superior: um estudo sobre as mulheres na física. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXVII, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPED, 17 p. 1 CDROM.

PISCITELLI, Adriana. Gênero em Perspectiva. **Cadernos Pagu**, Campinas, s/v., n. 11, p. 141-155. 1998.

QUADRADO, Raquel Pereira. Corpos Híbridos: Problematizando as representações de corpos no currículo escolar. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Corpos, gêneros e**

sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2013, p. 19-25.

REIS, Cristina d'Ávila; PARAÍSO, Marlucy Alves. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 22, n. 1, p. 237-256, jan/abril. 2014.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Revisitando a História da Educação Sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades:** questões possíveis para o currículo escolar. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2013. p. 11-16.

SABAT, Ruth. Currículo e pedagogia cultural: gênero, raça e etnia na formação docente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXVIII, 2005, Caxambu, **Anais...** Caxambu: ANPED, 6 p. 1 CDROM.

SANTOS, Luiz Henrique. Pedagogias do corpo: representação, identidade e instâncias de produção. In: SILVA, Luiz Henrique (Org.). **Século XXI:** Qual Conhecimento? Qual currículo? Petrópolis: Vozes, 2000, p. 194-212.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche:** a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; CICILLINI, Graça Aparecida. Das noções de corpo no ensino de biologia aos dizeres sobre sexualidade. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXIII, 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 16 p. 1 CDROM.

SILVA, Mirian Pacheco. Quando o estranho é o professor: narrativas sobre sexualidade e o currículo de formação de professores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXX, 2007, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 16 p. 1 CDROM.

SILVA, Rita de Cassia de Oliveira. Formação de professores/as de educação física e diversidade cultural: possibilidades e desafios. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXVI, 2013, Goiânia. **Anais...** Goiânia: ANPED, 6 p. 1 CDROM.

SILVEIRA, Viviane Teixeira. A educação física como espaço de formação feminina. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXIII, 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 14 p. 1 CDROM.

SOUSA, Bernardina Santos Araújo de. Os manuais de conduta e a escrita feminina no início do século XX: o que desvelam as narrativas? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXI, 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 15 p. 1CDROM.

SOUZA, Marcos Lopes de. O PIBID como espaço formativo de desarranjos, reinvenções e pluralizações dos gêneros e das sexualidades. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXVII, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPED, 17 p. 1CDROM.

QUE PODEM CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES NAS PESQUISAS...
GURGEL, E.; MAKNAMARA, M.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. Que corpo a escola produz? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2013, p. 17-18.

VILLAS BÔAS, Lúcia Pintor Santiso; SOUSA, Clarilza Prado de; LOMBARDI, Maria Rosa. Trabalho docente na ótica de estudantes brasileiros(as): das representações sociais às relações sociais de sexo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXXV, 2012, Porto de Galinhas. **Anais...** Porto de Galinhas: ANPED, 15 p. 1 CDROM.

XAVIER, Gisele Pereli de Moura. A formação de professores para uma sociedade multicultural. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, XXIV, 2001, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 8 p. 1 CDROM.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Meri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2009, p. 85-103.

Submetido em 14/03/2018

Aprovado em 01/09/2019

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)